

ALGARVIOS COMEÇAM A PERDER A PACIÊNCIA COM AS CONSTANTES FALHAS NA SAÚDE

Utentes e médicos à beira de um ataque de nervos

Desde a criação do Centro Hospitalar do Algarve, há cerca de nove meses, que são constantes e permanentes as falhas na saúde. Rutura de medicamentos, carência de médicos e enfermeiros, falta de equipamentos e longas listas de espera para consultas e cirurgias causam apreensão entre os utentes. O desinvestimento na saúde está a provocar uma situação caótica nos hospitais algarvios e, nalguns casos, a segurança dos doentes poderá estar comprometida

> NUNO COUTO

Os cortes na área da saúde estão a provocar falhas permanentes nos hospitais da região, denunciam médicos e utentes. Os problemas são muitos e vão desde o adiamento de cirurgias programadas por falta de material cirúrgico, a atrasos na realização de exames complementares, passando pela falta de medicamentos e materiais de uso corrente, como seringas, agulhas, luvas e fraldas.

Os casos repetem-se no Algarve e chegam a ser considerados “muito graves” pelos próprios profissionais de saúde. Na semana passada, por exemplo, soube-se que a falta de agulhas atrasou a realização de várias dezenas de exames de cancro durante quatro meses!

O chefe do serviço de urologia do hospital de Faro também veio a público denunciar que a falta de anestesiológuas está a gerar uma quebra de 40% nas operações programadas nesta especialidade. E, em Portimão, há relatos de doentes com fraturas à espera de operação, com a mesma justificação, ou seja, não há médicos suficientes...!

Estas denúncias vêm juntar-se a muitas outras, que surgiram nos últimos meses, e que alertam para a rápida “degradação” dos serviços de saúde públicos na região algarvia.

A gravidade destas situações foi denunciada, há cerca de um mês, por 370 médicos do Centro Hospitalar do Algarve, que falaram da “situação de rutura” em que trabalham e que pode ter “graves reflexos na saúde dos doentes”, como “o aumento de morbilidade e provável aumento de mortalidade a curto e médio prazo”.

Perante este cenário, a Comissão de Utentes do Serviço Nacional de Saúde tem vindo a promover diversas manifestações em toda a região. A próxima será no próximo dia 15 de março, a partir das 16h00,

junto ao hospital de Lagos, que serve também as populações de Aljezur e Vila do Bispo.

Medo de ficar doente e ir ao hospital

A comissão de utentes, que no início de fevereiro entregou na Assembleia da República uma petição contra a criação do Centro Hospitalar do Algarve, com mais de 9.000 assinaturas, denuncia “o dia-a-dia asfíxiante no hospital do barlavento algarvio que se tornou insuportável”.

“Existe terror no hospital. Médicos, enfermeiros e auxiliares mais nada podem fazer e, constantemente observados, calam a falta de fármacos, a falta de material, a falta de dispositivos, a falta de pessoal”, afirma a comissão.

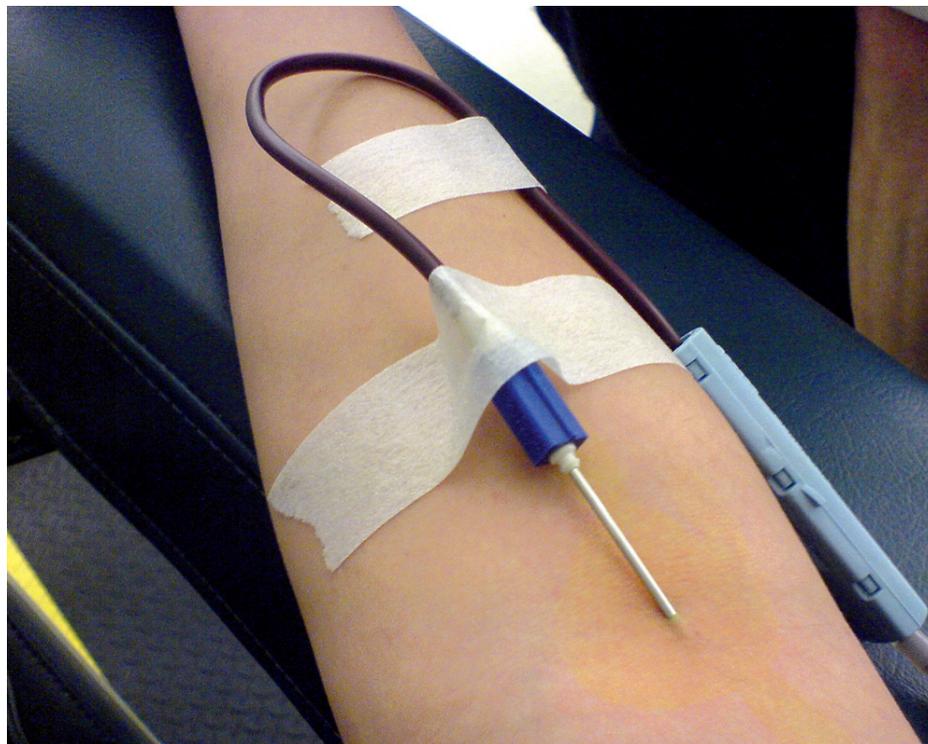
Os utentes realçam ainda que “a população do barlavento algarvio sente-se lesada pelas medidas previstas, quanto ao encerramento de vários serviços de saúde do hospital do barlavento algarvio e a sua transferência para Faro” e interrogam-se: “Será preciso morrerem pessoas em catadupa, para tomarmos uma posição?”.

Por último, a comissão frisa que “queremos que todos os residentes, turistas e visitantes da região tenham confiança no SNS, e não tenham medo de ficar doentes ou de ir ao hospital, nem queremos que as nossas parturientes de Odeixe e Aljezur tenham de ir para Faro, a mais de 100 quilómetros de distância”.

Atendimento e tratamento cada vez piores

Ainda recentemente, devido à falta de médicos, houve doentes no hospital de Lagos que tiveram esperas de atendimentos nas urgências que chegaram a 13 horas.

Este episódio levou a assembleia municipal de Lagos a manifestar ao Governo o seu protesto e a exigir “medidas urgentes” que criem condições para o bom funcionamento dos hospitais do Algarve.



Os médicos falam em “situação de rutura” que pode ter “graves reflexos na saúde dos doentes”, como o provável aumento de mortalidade

“A realidade é que, apesar dos esforços e dedicação dos profissionais de saúde, os doentes encontram situações de atendimento e tratamento cada vez piores nos hospitais de Lagos e de Portimão, sendo enviados para Faro em situações de urgências”, frisa a moção aprovada pelos deputados municipais, lembrando que foram retiradas destes hospitais as urgências de cardiologia, oftalmologia e ortopedia.

A estas queixas somam-se os problemas relacionados com a falta de profissionais (o sindicato garante que faltam 21 enfermeiros só na unidade de Lagos) e a falta de material médico e cirúrgico, assim como de medicamentos, “nomeadamente para doentes crónicos e oncológicos, havendo até envio de doentes para exames de diagnóstico em Sevilha”.

Segundo os números do sindicato, nos três hospitais do Centro Hospitalar do Algarve faltam 80 enfermeiros e 60 assistentes operacionais, “mas o financiamento público não permite investimentos, como radiologia de intervenção e atualização para ressonâncias magnéticas, entre outros”.

PCP contra fusão dos hospitais algarvios

Entretanto, o grupo parlamentar do PCP apresentou na semana passada uma iniciativa legislativa contra a fusão dos hospitais de Faro, Portimão e Lagos num único centro hospitalar.

O projeto de resolução entregue pelos comunistas na

Assembleia da República recomenda ao Governo que “ponha fim ao processo de fusão das unidades hospitalares algarvias, mantendo todos os serviços e valências nestes hospitais”, ao mesmo tempo que reivindica a atribuição dos

meios humanos e financeiros adequados à prestação de cuidados de saúde de qualidade.

“O Governo tem vindo a desenvolver processos de fusão e concentração de unidades hospitalares por todo o país

com base em critérios meramente economicistas que colocam em causa a qualidade dos serviços e a acessibilidade dos utentes aos cuidados de saúde. A coberto de uma pretensa utilização mais eficiente dos recursos disponíveis e de uma gestão integrada e racional da rede pública de unidades hospitalares, o real objetivo do Governo é a redução da despesa pública no setor da saúde imposta no âmbito do memorando da tripla, assinado há três anos pelo PS, PSD e CDS”, frisa o PCP.

Segundo apurou o JA, os autarcas algarvios também já fizeram chegar as suas preocupações ao primeiro-ministro, que se terá manifestado “sensibilizado e muito preocupado” em relação à situação que se vive no setor da saúde no Algarve.

A revelação foi feita ao JA por Isilda Gomes, presidente da Câmara de Portimão, que defende o afastamento do atual conselho de administração do Centro Hospitalar do Algarve, liderado pelo antigo bastonário da Ordem dos Médicos, Pedro Nunes.

PUB



PORTUGAL 2020 – CONSULTA PÚBLICA

Avaliação Ambiental Estratégica do Programa Operacional Regional do Algarve

No quadro da Avaliação Ambiental Estratégica do Portugal 2020 é promovida a consulta pública do Programa Operacional Regional do Algarve, de acordo com o artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 232/2007, de 15 de Junho.

Esta consulta pública tem como objetivo a recolha de comentários e sugestões por parte de todas as entidades interessadas.

Para apoiar a consulta estão disponíveis:

- o **Relatório Preliminar**;
- o **Resumo Não Técnico**;
- o **Programa Operacional Regional do Algarve** (versão de trabalho).

Os documentos podem ser consultados em:

- no sítio da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, em www.ccdr-alg.pt/site/;
- no sítio do Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional, em www.ifdr.pt;
- ou nas seguintes instalações:
 - IFDR, Avenida 5 de Outubro, n.º 153, 1050-053 LISBOA, das 10h00 às 17h00;
 - CCDR do Algarve, Praça da Liberdade, n.º 2, 8000-164 FARO, das 10h00 às 17h00.

O prazo da consulta termina dentro de 20 dias, a contar da data do presente anúncio, de acordo com o Despacho n.º 1390-A/2014 de 28 de Janeiro.

Envie os seus contributos através do correio eletrónico:

- cresc2020@ccdr-alg.pt.

Saiba mais em <http://www.ccdr-alg.pt/site/> e em www.ifdr.pt.